

Editorial

Os artigos reunidos nesta 8ª Edição da Revista Miguel mostram assuntos que têm sido discutidos nos últimos anos, alguns especialmente debatidos no período da pandemia. É possível encontrar em um texto a análise da cobertura jornalística de um grande e tradicional veículo de comunicação sobre a Guerra da Ucrânia, mas, por outro lado, há um trabalho que aponta o papel de mídias locais durante a crise da Covid-19 nas favelas. A produção em mídias alternativas é também tema de artigo que tenta investigar que perspectiva ganha o cinema com obras realizadas em circuitos não estritamente comerciais. Em outra direção, uma pesquisa olha para a Comunicação Corporativa e observa como ela pode dialogar de forma eficiente com a área ambiental. E, finalmente, branquitude, empoderamento feminino, racismo e a relação da mídia - tradicional ou não - com estas questões fazem parte de análise de duas pesquisas.

Adrienne Magalhães de Queiroz Teles Gomes investiga no seu artigo 26 edições do Jornal Nacional durante o primeiro mês da guerra entre Rússia e Ucrânia. Para entender a estrutura e a organização do telejornal, ela destaca 191 reportagens sobre o conflito.

Carlos Eduardo Paschoal Campos faz uma reflexão sobre a branquitude brasileira e busca investigar a dinâmica desta questão no discurso da publicidade e na Indústria Cultural. Ele usa como um dos exemplos a figura da apresentadora Xuxa Meneghel para mostrar como é feita a construção do discurso propagado pela sociedade branca do país.

Eduardo Carvalho escolheu usar como pano de fundo de seu trabalho a pandemia da Covid-19 para investigar o papel das mídias locais. Ele examina o conteúdo de três veículos de comunidades do Rio de Janeiro para dar uma visão mais ampla do que é produzido nas favelas pelo segmento da comunicação local.

Lorena Altomar Racero utiliza como base uma campanha da empresa de energia Furnas Centrais Elétricas com o objetivo de analisar a comunicação organizacional alinhada às práticas ambientais. No artigo, ela aponta para a necessidade de haver uma comunicação pública eficiente e a importância de uma área de gestão ambiental em empresas para conscientizar a sociedade.

Luiza Lima Furtado analisa o livro *A Literatura e o Mal* (1957), do antropólogo francês Georges Bataille (1897-1962), e explora os conceitos do autor no cinema de Vivienne Dick, integrante do movimento audiovisual *Cinema de Transgressão*.

Victória Reis de Oliveira Rodrigues demonstra como o *podcast* pode ser uma ferramenta de empoderamento por meio da produção de mulheres negras. Ela observa como elas usam esta linguagem para romper com os estereótipos presentes na mídia tradicional.